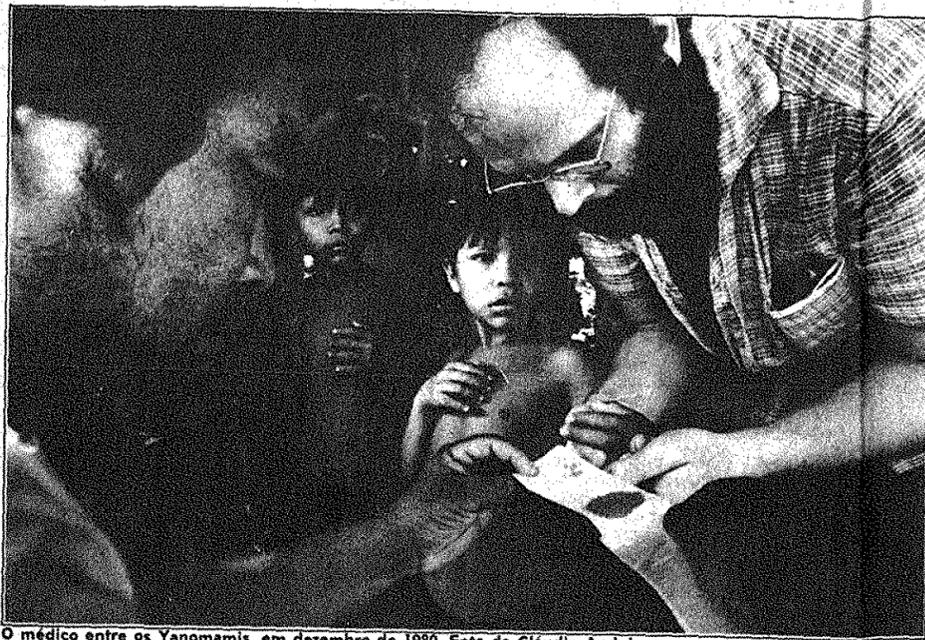


CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de CardeClass.: YANOMAMISData: 20/12/82

Pg.: _____



O médico entre os Yanomamis, em dezembro de 1980. Foto de Cláudio Andujar.

A morte de Rubão, o médico que queria ser índio.

E sem ele o programa de vacinação dos Yanomamis fica ameaçado.

— Eu quero ser índio!

Surpreendia sempre os amigos com essa certeza de menino. Entre aqueles pequenos estudantes da cidade de Assis, no interior paulista, nas costumeiras conversas sobre o que iriam ser na vida, os planos profissionais e expectativas eram sempre as mais comuns: um queria ser engenheiro; outro, professor ou professora; alguns pensavam em se formar médicos. Rubens Belluzzo Brando queria ser índio. Morreu entre os índios, quase que como um deles.

O helicóptero da FAB voltava ao posto da Funai em Sururucus, vindo de uma das muitas aldeias índias da Tribo Yanomami situadas na extensa área do Território de Roraima. Faltavam 15 minutos para chegar ao seu destino quando o piloto viu-se obrigado a uma aterrissagem forçada.

Em pane, e desviado por um vale estreito, o helicóptero ficou enganchado na copa das gigantes árvores. As opções de sobrevivência dos quatro passageiros eram poucas. O piloto resolveu continuar tentando fazer funcionar o motor; alguns resolveram saltar, descendo pelos galhos das árvores.

Entre eles, Rubens, que se formou médico para entrar em contato com os índios, não teve tempo: numa das tentativas, o piloto conseguiu fazer funcionar o motor. E a hélice. Rubens foi atingido e seu corpo foi cortado.

Os outros passageiros — a antropóloga Guiomar Mello, o yanomami Ivanildo e o piloto — conseguiram escapar antes que o aparelho pegasse fogo, por volta das 11h30 da terça-feira passada.

Não foi apenas mais um acidente de helicóptero, tão comuns nessa inhospita região. Colocou fim à vida de um homem que não deixou herdeiros de seu idealismo, de seus conhecimentos, de seu trabalho pioneiro: levar a saúde às tribos indígenas, basicamente ligado agora ao esforço de vacinação dos yanomamis, vitimados já por vários surtos de sarampo e coqueluche, desde que entraram em contatos formais com o homem branco e suas doenças, principalmente em 1974 com a construção da rodovia Perimetral Norte, que atravessou a sua área. Dr. Rubens estava ali vacinando, tentando prevenir que muitos outros ainda fossem dizimados. Os problemas de saúde da

tribo vêm-se agravando desde que foram descobertas minas de ouro em suas terras. Garimpo e garimpeiros têm levado à área doenças até então desconhecidas nessa região de Sururucus, onde cerca de 3.500 yanomamis habitam.

Interesse incomum

Para desespero da família, que queria muito que o pequeno Rubens fosse médico, ele não dizia apenas coisas diferentes das outras crianças. Fazia. Com 12 anos criava e estudava com incomum interesse nada menos do que cobras, e possuía uma coleção de animais empalhados. Vivia em contato constante com a natureza. Plantava e estudava o que colhia. Formava aquários e estudava os hábitos de seus peixes. Ensinava aos amigos. Com eles, participava sempre de excursões, acampamentos, e quando voltava trazia sempre um bicho que havia chamado sua atenção. Um inseto. Borboletas.

Acabou mesmo se formando médico — mantendo a mesma curiosidade a respeito do mundo que o cercava. E pelos índios. Na graduação, pela Escola Paulista de Medicina, participou por quatro anos do programa da Escola no Parque Indígena do Xingu, onde esteve diversas vezes até a formatura em 1978. Nesta época, partiria para as reservas da tribo Xavante, em Areões e Culuena, sempre fazendo levantamentos na área de saúde. Em 1979 fazia o curso de medicina sanitária na Faculdade de Medicina de Botucatu. No final de junho de 1980, já publicava sua tese de graduação — o "Diagnóstico de Saúde das Populações Indígenas do Interior do Estado de São Paulo", pesquisa única sobre o assunto.

Dr. Rubens entrou em contato com os yanomami pela primeira vez no final de 1980. Membro da "Comissão pela Criação do Parque Yanomami" — CCPY — e membro da "Comissão Pró-Índio de São Paulo", partiu para a área. Da viagem, que fez ao lado da fotógrafa Claudia Andujar e do doutor Francisco Pascalicchio, especializado em Medicina Preventiva, resultou o "Relatório Yanomami: Situação de Contato e Saúde, Recomendações para a Criação e Estruturação do Parque Indígena" — 208 páginas que iniciavam uma ampla campanha pró-vacinação dos yanomami, empreendida pela CCPY, propondo controles médicos mais rigorosos e critérios mais abrangentes. E que, de uma certa forma, havia sido conseguida agora há pouco, com a contratação, pela Funai, do dr. Rubens Brando.

Falam os amigos

A morte o encontrou voltando do final da 6ª Campanha de Vacinação, a primeira da qual participava como coordenador do trabalho de saúde na área Yanomami. Ele havia conseguido. Em setembro último, havia-se mudado definitivamente para Sururucus, em companhia de sua esposa, Renée, artista plástica, e de seus dois filhos: Maria, de quatro anos, e Fernando, dois anos.

— Nossa esperança era a de que ele conseguisse levar à frente o Programa de Saúde.

As frases de Cláudia Andujar são entrecortadas por longos silêncios de emoção. A tristeza está estampada no seu rosto como também no rosto das pessoas que se reuniram na sede da Comissão Pró-Índio em São Paulo para lembrar o "Rubão", como era carinhosamente chamado pelos companheiros. São eles: Cláudia; o dr. Francisco Pascalicchio; o dr. João Luís Cardoso, dermatologista e "cobrólogo", como chama seu trabalho específico com os animais, e que durante anos trabalhou com o dr. Rubens entre os Xavantes; as antropólogas Manuela Carneiro da Cunha e Lux Vidal, atual presidente da Comissão. E também a amiga de infância em Assis e até hoje, que recorda as conversas sobre as profissões mantidas há muitos anos, Marta Leite, professora de Português.

Todos estão abalados. Desordenadamente, vão contando fatos de memória, montando um perfil de Rubens e do seu trabalho, tudo o que com ele aprenderam e o que mais admiravam nele: seu estilo de vida incomum, firmeza de caráter, coragem, coerência, determinação e preparo profissional. E esse perfil tem uma conclusão arrasadora, dificilmente acéltia, mas que na prática passa a ser a verdade:

— Teremos de começar tudo de novo. Infelizmente, esse é um ponto vulnerável. Partimos de novo do zero. Poucas pessoas querem ir trabalhar lá, não têm a coragem de Rubão e nem são tão preparadas. A maioria é de pessoas "improvisadas"; com boa vontade, mas sem preparo.

Para Cláudia Andujar, por isso mesmo é difícil admitir que ele está morto. "Rubão", aquele médico alto, forte, "que caminhava tão bem, subindo e descendo entre os troncos de árvores nas longas caminhadas a pé" — dias na floresta, de uma aldeia a outra, numa região inhospita. Quando todos queriam desistir, era o que "injetava ânimo" no grupo. Seu respeito pelos hábitos culturais era tão grande que certa vez levou o corpo de um índio, falecido na cidade, por uma longa distância até um outro yanomami, para que este o cremasse, segundo os costumes tribais, e assim, pudesse entregar as cinzas até a família. Mantinha o sotaque caipira, ao mesmo tempo em que procurava aprender a língua yanomami. Produzia extensos relatórios e pesquisas. Se ia a uma aldeia, vacinava todos: saía à procura dos que estavam no rio; batia de porta em porta; sabia quantos índios haviam sido vacinados, com rígido controle. Deixou, com certeza, até um mês atrás, 1.000 yanomamis imunizados.

Rubens foi enterrado no Cemitério São Paulo na última quinta-feira. Em sua memória, o bispo de Roraima, dom Aldo Mongiano, celebrou uma missa no mesmo dia da tragédia. Em Assis, além de uma missa também foi marcado um Ato Público pela demarcação das terras indígenas. E hoje, aqui em São Paulo, às 19h30, na Capela Nossa Senhora do Sion (avenida Higienópolis, 983), será celebrada a missa de 7º dia, organizada pela Comissão Pró-Índio e Pró-Criação do Parque Yanomami.